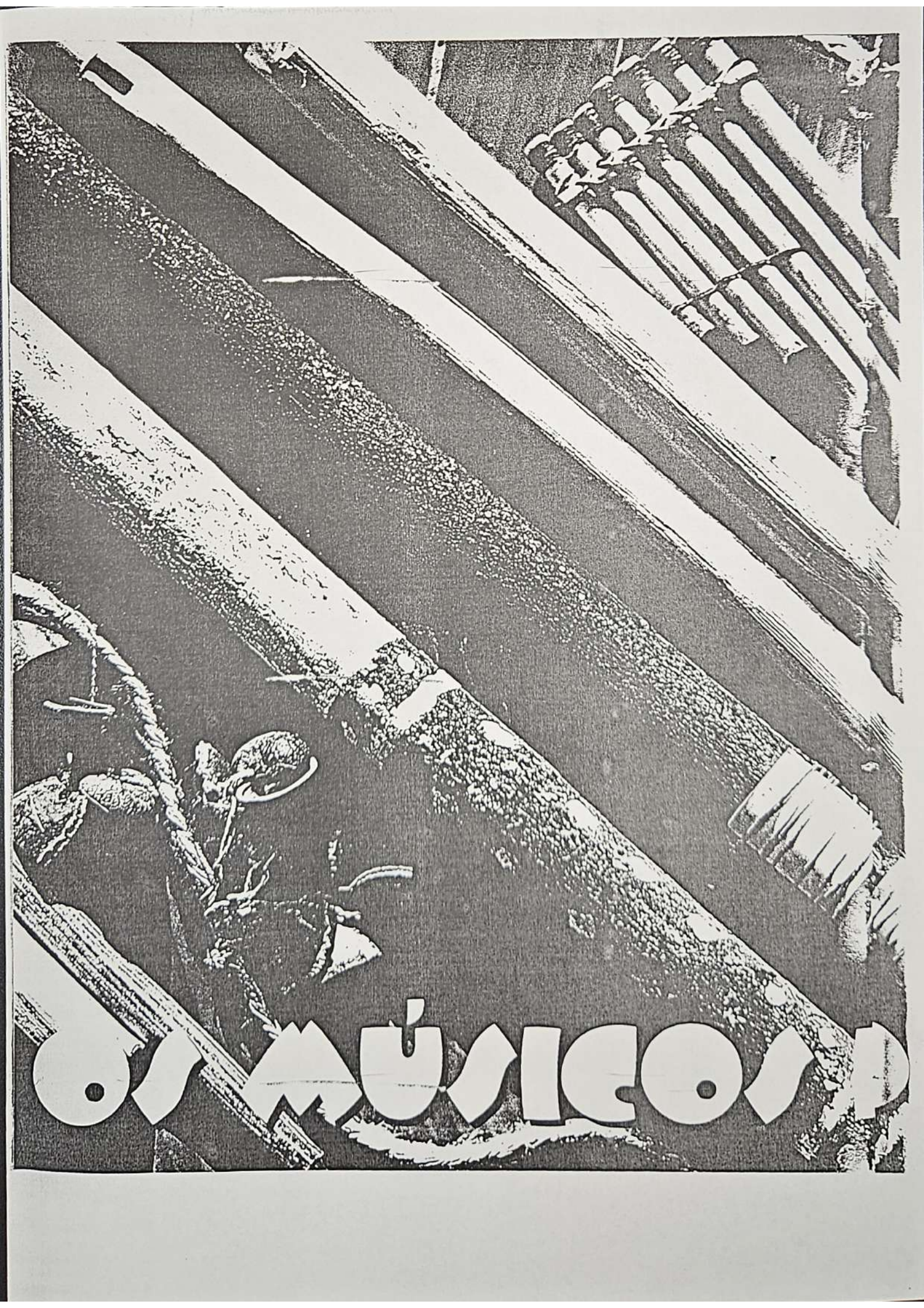




OS MÚSICOS

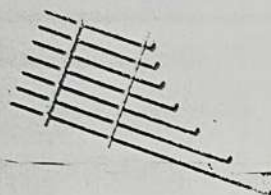


*Há anos
longe de suas
tradições,
os índios
tucanos, da
Amazônia,
retomam o
principal
culto de seus
antepassados:
a música*

por ANGELA PAPPIANI
fotos ROSA GAUDITANO

DA FLORESTA

**Os tucanos
são pouco
mais de 200,
hoje. Mas
fazem a
maioria da
população
indígena de
São Gabriel da
Cachoeira**



As palmeiras que se debruçam sobre as águas escuras do rio, as flores de variadas cores e o barulho constante das águas podem deixar confuso o visitante desavisado. A paisagem faz mesmo lembrar o Caribe e o povo moreno de olhos amendoados sugere nativos das praias do Pacífico Sul. Mas não é nada disso: estamos em plena Floresta Amazônica, na cidade de São Gabriel da Cachoeira, um lugar com fantásticas praias brancas de areia muito fina. Essa região de beleza surpreendente e que foge a tudo que se imagina como sendo Amazônia, há anos constituía um vasto território indígena. Ali ainda resiste a pequena comunidade de índios tucanos que agora procura resgatar sua cultura, arruinada pelo contato com o homem branco. A principal característica dessa tribo é a música. Ela é um

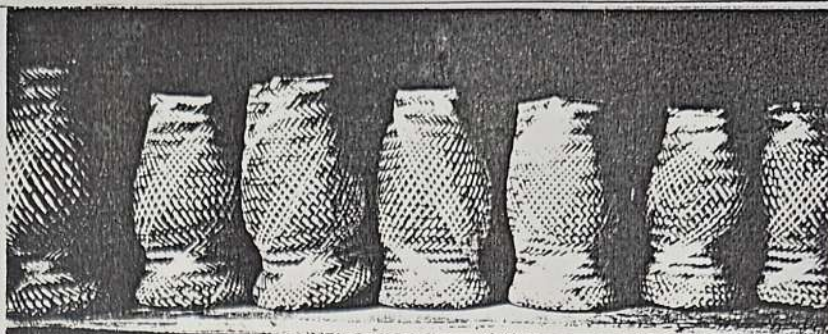
forte elemento de reunificação do povo tucano. E é através dela e da construção de instrumentos tradicionais — flautas e tambores, na maioria — e da pesquisa para resgatar as cerimônias, que eles estão reencontrando sua cultura. E não param por aí: pode parecer modernismo demais, mas eles estão até gravando um disco com suas músicas — que deve ficar pronto ainda este ano —, para divulgar a todos suas tradições.

Uma lenda indígena conta que, onde hoje está fundada a cidade de São Gabriel da Cachoeira, o povo Baré há muito tempo atrás preparou uma grande armadilha para aprisionar a "cobra grande", personagem mítico, criador e devorador dos homens, para libertar um povo que estava dentro de sua barriga. A armadilha foi feita com muitas e enormes pedras, as mesmas pedras que hoje formam as grandes corredeiras que dividem o Rio Negro de margem a



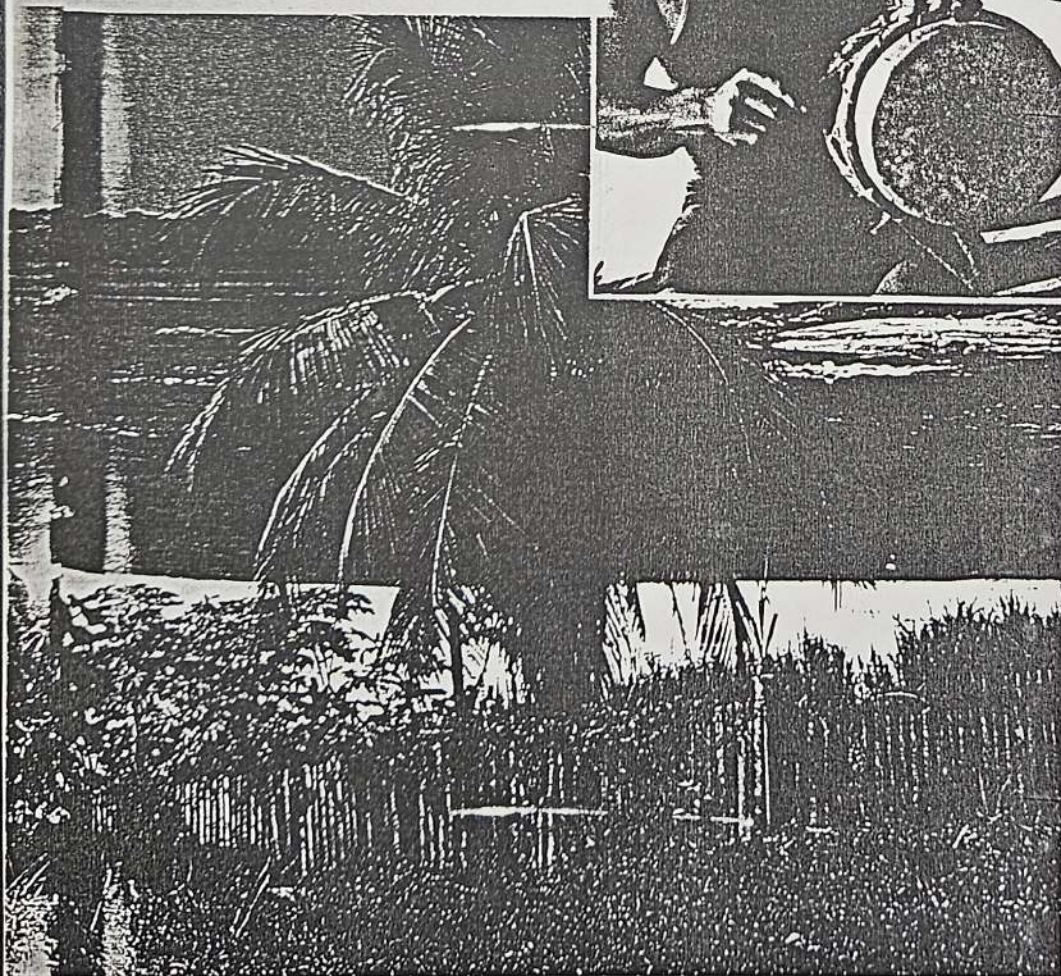
margem, impedindo a navegação naquele trecho. É ele quem banha São Gabriel da Cachoeira, um dos maiores municípios brasileiros, com mais de 112 000 quilômetros quadrados, sete por cento de todo o território do Amazonas.

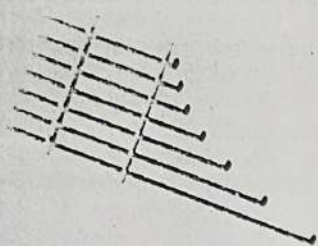
A cidade faz divisa com dois países, Venezuela e Colômbia, e abriga o Parque Nacional do Pico da Neblina, ponto mais alto do Brasil. Cerca de 93 por cento da população de São Gabriel da Cachoeira é constituída por índios de treze grupos diferentes, que tentam se equilibrar entre a tradição milenar e a informação que já chega por lá, via satélite. Os "brancos" pouco conhecem e menos ainda respeitam a cultura dos indígenas, a quem chamam pejorativamente de "caboclos". Apesar de apenas duzentos, os tucanos são maioria na população de índios da cidade, a quem sempre dominaram por causa de seus hábitos guerreiros.



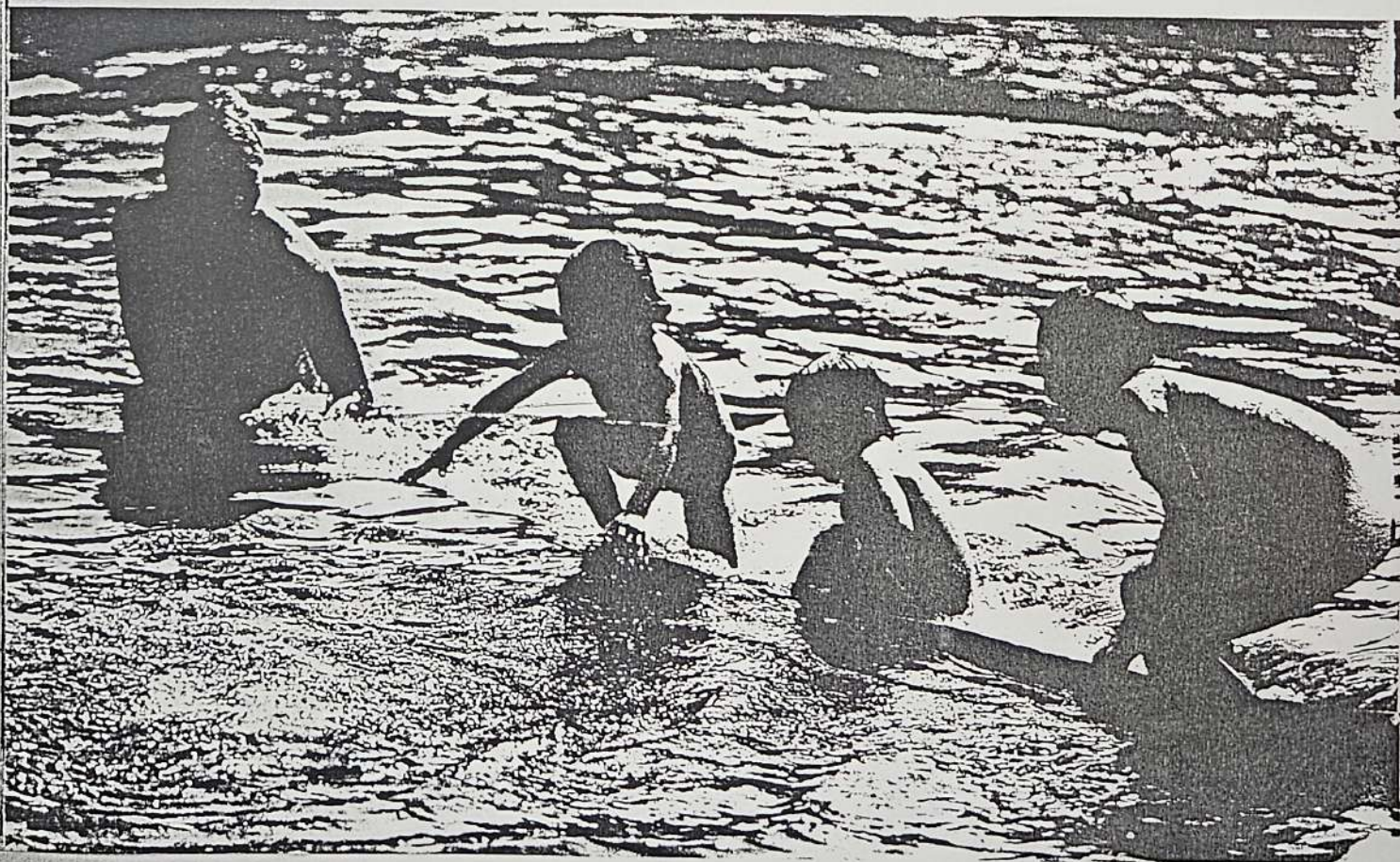
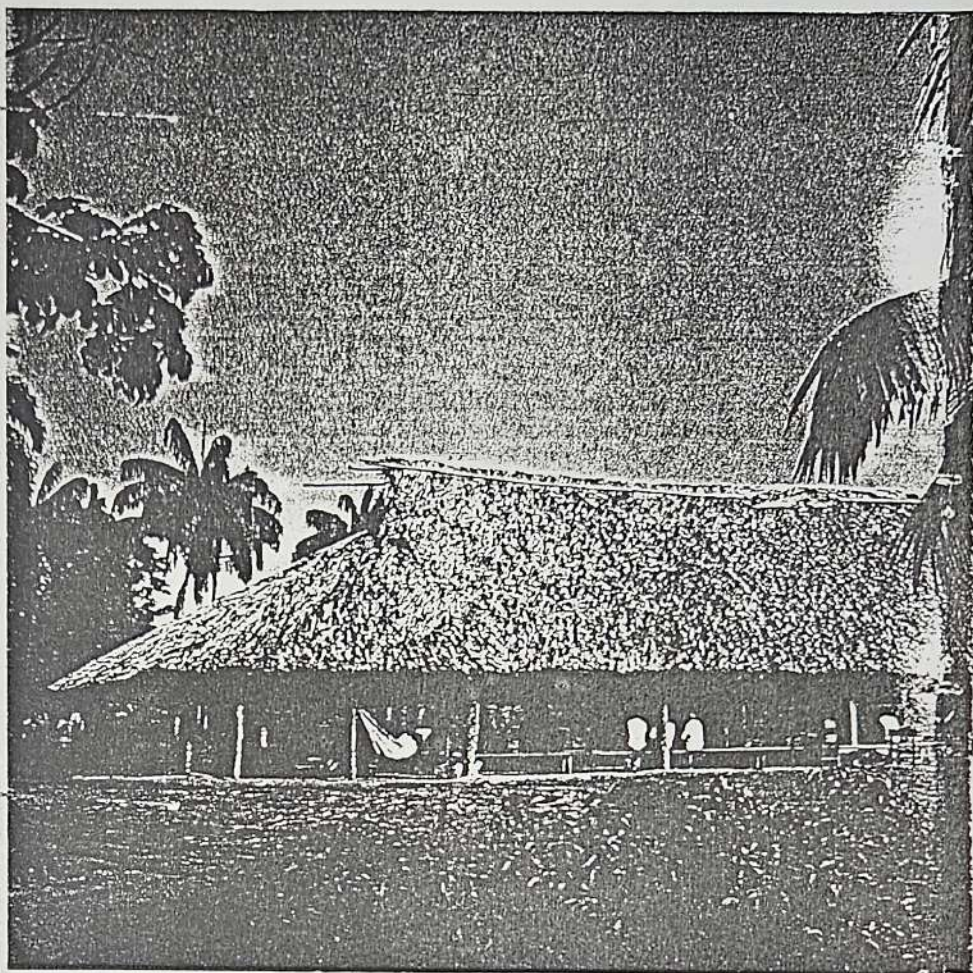
A ARTE DE SOBREVIVER

Vivendo em São Gabriel da Cachoeira, antes um vasto território indígena banhado pelo Rio Negro, os tucanos sofreram com a interferência do homem branco. Hoje, eles tentam refazer sua cultura através do rico artesanato e da construção de instrumentos musicais — flautas e tambores — para alegrar os rituais que os colocam em contato com os espíritos de seus ancestrais.





*No início do
século, os
padres
salesianos
proibiram os
tucanos de
falar sua
própria língua
e de tocar seus
instrumentos*





A nova geração tem agora um grande compromisso: retomar e preservar as tradições de seus pais e avós, como as enormes casas, feitas de troncos de árvore e palha, onde moram juntas várias famílias da tribo, as músicas e as danças de seus antepassados

A PRAIA DOS TUCANOS

São Gabriel fica perto da fronteira da Colômbia e Venezuela. Para chegar lá, só de avião, a partir de Manaus, a 800 km, ou de barco pelo Rio Negro, o mesmo que forma belas praias na cidade.

COLÔMBIA

VENEZUELA

Pico da Neblina

Rio Negro

São Gabriel da Cacheira



Manaus

AMAZONAS

Chegar à aldeia dos tucanos é uma aventura. Apenas um ônibus faz a viagem três vezes por semana. Sai lotado de garimpeiros e trafega com dificuldade numa estrada precária que disputa espaço com a densa floresta. No percurso, duas pontes de madeira obrigam os passageiros a descer do ônibus para atravessá-las, se equilibrando nas tábuas soltas com a bagagem nas costas e pegar outro coletivo, do lado de lá. A aldeia do Balaio, onde mora o povo tucano, fica à beira da estrada. Eles estão em intenso processo de reorganização cultural e social. Depois de décadas de contato prejudicial com os brancos decidiram retomar seus antigos hábitos. Além do artesanato, voltaram a fazer suas casas de acordo com a arquitetura de seus antepassados, cultivar suas roças e construir instrumentos musicais que dão vida aos rituais que os põem em contato com os espíritos de seus ancestrais.

"Seu" Casemiro, um dos mais velhos entre os tucanos, dirige com autoridade e entusiasmo todos os

trabalhos desse ressurgimento cultural. Quando menino, ele viveu numa dessas casas tradicionais, que abrigavam todas as famílias sob o mesmo teto de palha. Presenciou, com olhos curiosos de criança, as cerimônias religiosas, dirigidas por pagés que faziam a ligação com outros mundos com a ajuda de bebidas alucinógenas. Mas, o início do século trouxe os padres salesianos, que viram no modo de vida dos tucanos elementos demoníacos que precisavam ser exorcizados. Proibiram o povo de falar sua própria língua, de celebrar rituais, de viver "promiscuamente" numa só casa, de tocar seus instrumentos. As consequências foram duras: as crianças eram levadas para o colégio da missão, onde aprendiam — além de ler e escrever — ofícios como marcenaria, mecânica, corte e costura... Algumas meninas eram levadas para outros estados e entregues a famílias para trabalhar como domésticas. Outras viraram prostitutas em Manaus e nas regiões de garimpo. Os meninos tentavam empregos em

outras cidades. Muitos serviram o Exército, chegando a participar de operações de repressão a seus próprios parentes, durante algum tempo acusados de tráfico de drogas por plantar e consumir ritualmente a coca. A localização estratégica da região fez com que a tribo tivesse que aprender a se relacionar pacificamente com militares, grandes mineradoras e garimpeiros.

Já bem perto da aldeia do Balaio pode-se ouvir a algazarra das crianças da tribo brincando nos igarapés. Elas ainda têm um longo caminho até recuperar tudo o que seus pais e avós perderam nesses anos todos de contato com o homem branco. Mas podem sair enriquecidas com sua cultura e o que de bom aprenderam com os brancos. De certa forma também estão preparando, como seus parentes do povo Baré, uma armadilha para libertar da barriga da "cobra grande" o espírito que foi engolido há tempos. Quando conseguirem, certamente irão comemorar. Com muita música.

